

## **Classes sociais e movimentos sociais**

Alessandro Macedo<sup>1</sup>

**Resumo:** o fenômeno dos movimentos sociais, constitui-se como um tema complexo dentro da análise sociológica. Isso devido a pluralidade de conceitos e definições que abarcam essa temática. As definições de movimentos sociais é muita ampla, cabendo até uma certa tipologia dos movimentos sociais. As contradições e os antagonismos que marcam as relações sociais na sociedade capitalista, tem levado milhões de pessoas a se organizarem em forma de movimento social, no sentido de defender ou lutar por uma causa comum. Desse modo, temos uma série de grupos organizados em forma de movimento social, tais como: negros, mulheres, sem-teto, sem-terra, etc., além do mais, existe um conjunto de teorias que busca explicar esses movimentos. No entanto, essa pluralidade de conceitos que busca explicar a dinâmica dos movimentos sociais, muitas vezes tem causado mais confusão do que explicação. Isso porque muitas dessas teorias e conceitos, não conseguem desvincular do seu viés ideológico, e buscam compreender o fenômeno através de construtos desvinculado da realidade, gerando mais confusão ainda. Um exemplo dessa imprecisão conceitual e a confusão que muitos teóricos e militantes fazem entre classes sociais e movimentos sociais. Assim, esse trabalho objetiva fazer uma reflexão no sentido de esclarecer a diferença entre classes sociais e movimentos sociais.

**Palavras chaves:** classes sociais, movimentos sociais, divisão social do trabalho, grupo social.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás, aluno do programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS/UFG), membro do Núcleo de Pesquisa Movimentos Sociais (NEMOS/UFG).



## **Introdução**

Os movimentos sociais é um fenômeno da sociedade moderna, que surge no começo do século XX, e engloba variados conceitos e definições, ao mesmo tempo em que se constitui como um tema complexo para as Ciências Humanas. Assim, existe um leque de teorias e conceitos que buscam explicar esse fenômeno. Também existe muita confusão e equívocos na explicação dos movimentos sociais. Um exemplo disso, é a confusão que muitos autores e militantes fazem, entre classes sociais e movimentos sociais. As classes sociais é um fenômeno histórico, e remonta ao desenvolvimento das forças produtivas e o surgimento da divisão social do trabalho. Embora as sociedades romanas e gregas foram sociedades classistas, foi na sociedade moderna que esse fenômeno se complexificou. A emergência do modo de produção capitalista, engendrou duas classes sociais fundamentais (burguesia e proletariado), no entanto, em torno dessas duas classes sociais existem outras classes e fragmentos de classes.

Assim, a questão das classes sociais também é uma temática complexa, sua análise implica entender o desenvolvimento do próprio modo de produção, formas de distribuição, divisão social do trabalho, formas de propriedade e outras determinações sociais e históricas. Portanto, os movimentos sociais não estão dissociados das lutas de classes, sendo que muitos movimentos sociais emergem a partir de tal dinâmica. No entanto, há grande diferença entre um movimento social e uma classe social. Um movimento social, é um conjunto de indivíduos organizados em torno de um objetivo comum, ou uma demanda social, etc., e pode ter uma motivação política, étnica e cultural. Ao mesmo tempo em que pode ser conservador, reformista ou revolucionário, (VIANA, 2016).

Já uma classe social é composta de indivíduos que possuem um determinado modo de vida em comum e luta em comum contra outras classes (MARX, 2011). Assim, para desfazer esse equívoco entre classes sociais e movimentos sociais, nossa discussão terá como premissa, o conceito de classes sociais desenvolvido por (MARX & ENGELS, 2009, VIANA, 2018), e o conceito de movimentos sociais cunhado por (VIANA, 2016).



## **A gênese dos movimentos sociais**

As origens dos movimentos sociais remontam, ao surgimento da sociedade civil organizada, (VIANA, 2016). Assim, os movimentos sociais se originam a partir de grupos sociais organizados no interior da sociedade civil. No entanto, para compreendermos a formação dos movimentos sociais, se torna necessário entender a formação dos grupos sociais, uma vez que sem grupos sociais não existiria movimentos sociais, porém, a simples existência de um grupo social, não significa que ele seja um movimento social, como observa Jensen (2014). Os grupos sociais constituem a base dos movimentos sociais, no entanto, existem outras determinações envolvendo os grupos sociais. Existem vários conceitos de grupo social, portanto, devido a questão de espaço, não trataremos de todos esses conceitos pormenorizadamente, assim:

Um grupo social não significa um coletivo organizado de indivíduos e sim um conjunto de pessoas que possuem algo em comum. Tomemos um exemplo: o movimento das mulheres. Este é o grupo social que lhe movimenta. Este conjunto de pessoas, este grupo social, possui em comum o fato de pertencer ao sexo feminino. Esta é a motivação interna do movimento. Entretanto, o simples fato de pertencer ao sexo feminino não cria nenhum movimento social, pois somente no interior de determinadas relações sociais é que pertencer ao sexo feminino cria a necessidade de ação coletiva. Essas relações sociais certamente baseiam na opressão do sexo feminino e é esta a motivação externa deste movimento social. O mesmo ocorre com o movimento negro: o simples fato de pertencer a raça negra não é motivo suficiente para um movimento social, mas, quando a raça negra se vê oprimida, então surge a sua necessidade. Um movimento social só existe quando o conjunto de pessoas que o compõem possuem aspectos comuns, que podem ser tanto biológicos (raça, sexo) quanto culturais e ideológicos (projeto político) (JENSEN, 2014, *apud* VIANA, 2016, p.25).

Nesse sentido, na concepção do próprio (VIANA, 2016, p. 25), “um grupo social deve ser entendido como “um conjunto de indivíduos que possuem aspectos em comum, que pode ser cultura, a constituição física, um projeto político, demandas sociais, ou qualquer outro”. Definido o que é um grupo social, e que ele é a base dos movimentos sociais, agora precisamos entender o que o leva, a transformar-se, em movimento social.

Para que o grupo social se transforme em um movimento social, é necessário que exista uma situação social que possibilite sua efetivação. No entanto, a existência de uma condição social condicionante, não é sinônimo da emergência de um movimento social. Assim, para (VIANA, 2016, p. 34, *grifos do autor*) “quatro determinações



complementares são fundamentais para existir um movimento social: *a insatisfação social, o senso de pertencimento, mobilização e objetivo.* ” Dessa forma, a insatisfação social é um elemento fundamental na formação dos movimentos sociais uma vez que ela, é engendrada por um conjunto de fatores tais como: mal funcionamento de serviços públicos, como a educação, segurança pública, saúde, repressão estatal (violência policial) aprofundamento da miséria, falta de moradia, transporte público, dentre outros fatores ligados ao meio ambiente, cultura e a questões biológica (raça, sexo).

Entretanto, os processos que geram um movimento social, é marcado por contradições no seu próprio interior. Isso significa que, nem todas as necessidades geradoras de insatisfação, que mobiliza os indivíduos de um determinado grupo social, são reais ou justas. A sociedade capitalista, é um tipo de sociedade criadora de necessidades sustentadas por discursos ideológicos que destoa da realidade. Nesse sentido, muitas pautas e bandeiras levantadas por determinados movimentos sociais, na verdade não passam de ideologias que visam maquiagem determinados fenômenos sociais e suas contradições, cuja resolução pressupõe lutas, enfrentamentos e alteração nas estruturas sociais.

Tomemos um exemplo. O movimento ecológico e sua atual política de preservação de espécies marinhas baseada na redução e extinção do uso de canudinhos de plásticos. A tentativa de tapar o sol com uma peneira, beira ao infantilismo ecológico, ao desviar o problema da destruição ambiental, produzida pelas grandes indústrias de plásticos, para o nível pessoal e comportamental. Outro exemplo de insatisfação mobilizadora e geradora de movimento social, porém, nada justo e digno, são insatisfações baseadas em características étnicas e raciais, que geram os movimentos sociais racistas e xenófobos.

Por conseguinte, outro fator que está na gênese de um movimento social, é a questão do pertencimento. Portanto,

*o senso de pertencimento* significa o reconhecimento que a razão da insatisfação social não é uma questão individual e sim coletiva, de um grupo inteiro, ao qual se pertence (mesmo quando remete para outros grupos sociais ou atingidos, pois nesse caso o pertencimento é ao grupo de solidariedade ou apoio ao outro grupo). Os estudantes podem estar insatisfeitos com o autoritarismo das instituições escolares, mas se é um estudante enquanto indivíduo que se sente dessa forma, então não há um movimento social. Se



for um conjunto de indivíduos atomizados insatisfeitos, também não há movimento social. Mas, quando isso é percebido por vários indivíduos como sendo algo derivado da condição estudantil, ou seja, como problema de um grupo social, então torna-se possível a existência de um movimento social, já que pode gerar ação coletiva e compartilhada (VIANA, 2016, p. 36, *grifos do autor*).

Assim, o encadeamento desses elementos faz parte da gênese de um movimento social. Porém, existem outros dois elementos fundamentais, sem os quais um grupo social não emerge como movimento social. No entanto, se trata da “mobilização e objetivo”. Se tratando de mobilização, é preciso fazer a distinção entre mobilização, ação coletiva e ação compartilhada. Na concepção de Viana temos a seguinte definição:

Uma mobilização é uma ação que, no caso é grupal, ou seja, do grupo ou parte dele. A mobilização pode ser tanto uma ação coletiva quanto uma ação compartilhada. Uma ação coletiva é a que é realizada por um conjunto de pessoas reunidas fisicamente ou integradas através de determinadas concepções (doutrina, plano de ação, projeto político, etc.) e uma ação compartilhada é aquela na qual pode ser realizada por indivíduos isoladamente, mas compartilhando concepções ou práticas a partir de um senso de pertencimento (VIANA, 2016, p. 38).

Portanto, não se trata de uma ação qualquer, sendo coletiva ou compartilhada, ambas emergem a partir de elementos inerentes ao universo que o movimento social se insere, o que pressupõe determinado condicionamento, de ordem doutrinária, projeto político, etc.

O objetivo é o último elemento gerador de um movimento social. No entanto, o objetivo não é algo homogêneo. Cada movimento social luta por uma demanda específica, o que gera objetivos distintos. Cada objetivo visa uma finalidade, no entanto, isso vai depender como esse movimento social está organizado, senso de pertencimento, mobilização, (VIANA, 2016).

A questão do objetivo, é de fundamental importância na explicação dos movimentos sociais. Isso porque os movimentos sociais, emergem no conflituoso cenário da sociedade moderna, sob o signo de ideologias, cooptação e burocratização. Outra determinação importante, são derivações que brotam dos movimentos sociais, e que passam a orientar os interesses e objetivos de um movimento social. Tomemos como exemplo o movimento feminista. Esse movimento é uma ramificação do movimento feminino, ou seja, é uma ideologia, no sentido marxista do termo.

Todavia o movimento feminino expressava a luta das mulheres, via luta de classes, ou seja, a libertação da mulher perpassa pela emancipação da classe trabalhadora. Isso significa que o objetivo desse movimento feminino era emancipar a mulher via luta revolucionária, contra as estruturas sociais que geram opressão e exploração das mulheres. Portanto, a partir das ideologias feministas, os objetivos dessa ramificação tomaram o lugar do verdadeiro objetivo do movimento feminino.

Dessa forma, hoje ideologicamente está colocado, que a emancipação da mulher perpassa, pela opressão sobre os homens, supremacia da mulher, uso do corpo, bem como o acesso a postos de trabalhos no interior da burocracia estatal e governamental. Também existem aqueles movimentos sociais, que já nascem sob o signo de determinada ideologia, neste sentido, vendem um determinado discurso e objetivos, mas na verdade praticam outros, com outros fins, que geralmente, são interesses mercantis, partidários, pessoal, etc.

Contudo essa é a gênese da constituição de um movimento social, assim podemos afirmar que:

Os movimentos sociais são mobilizações (ações coletivas ou compartilhadas) de determinados grupos sociais derivadas de certas situações sociais que geram insatisfação social, senso de pertencimento e determinados objetivos. Os movimentos sociais podem gerar ramificações, organizações, tais como doutrinas, ideologias, teorias, representações, organizações informais ou formais, tendências, etc (VIANA, 2016, p. 43).

Exposto a gênese dos movimentos sociais, bem como nosso conceito de movimentos sociais, vejamos o que constitui uma classe social e qual a diferença entre classes sociais e movimento social.

### **As classes sociais**

A questão das classes sociais, é uma temática complexa no interior da teoria marxista, bem como das Ciências Humanas. Isso porque Marx deixou inacabado, o que pretendia teorizar sobre classes sociais. Outro fator, são as interpretações equivocadas que determinados ideólogos fazem de sua obra e em específico desse conceito. No





entanto, embora Marx não escreveu nenhum livro tratando especificamente da questão das classes sociais, em sua obra encontramos várias passagens tratando dessa questão.

A origem das classes sociais remonta ao surgimento da divisão social do trabalho, e a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Em *A ideologia alemã*, escrita em parceria com Engels, Marx dedica uma parte longa a questão das classes sociais. No entanto no *Manifesto Comunista*, Marx sentencia que: “a história de todas as sociedades até hoje é a história das lutas de classes” (MARX & ENGELS, 1998, p. 4), isso significa que todas as sociedades onde existiu a divisão social do trabalho, foram sociedades classistas. Tal como: as sociedades clássicas Grécia e Roma antiga, onde predominou o escravismo clássico, bem como a sociedade feudal, marcada pela divisão entre guerreiros, servos e clero.

O desenvolvimento das forças produtivas engendrou a separação entre campo e cidade, os antagonismos entre grupos de pessoas, bem como seus interesses Marx & Engels (2008). Assim, a divisão social do trabalho está na gênese das classes sociais, no entanto, existem outras determinações que configura a formação de uma classe social, portanto:

Os indivíduos isolados só formam uma classe na medida em que têm de travar uma luta comum contra uma outra classe; fora disso, contrapõe-se de hostilmente uns aos outros, na concorrência. Por outro lado, a classe autonomiza-se, face aos indivíduos, pelo que estes encontram já predestinadas as suas condições de vida e, com esta, o seu desenvolvimento pessoal estão subsumidos a ela (MARX & ENGELS, 2008, p.93).

Assim, podemos entender que as classes sociais são compostas por conjuntos de indivíduos, que possuem interesses comuns (valores, sentimentos, concepções, etc.), que são determinados pela posição desses indivíduos na divisão social do trabalho. Isso também, gera modos de vidas e interesses contrários, a outros grupos de indivíduos, também determinados pela divisão social do trabalho. No capitalismo, esse antagonismo está colocado pelos detentores dos meios de produção (capital), e possuidores de força de trabalho (mais-valor), ou seja, capitalistas e proletariado.

No entanto, essa contradição não está colocada de forma homogênea, como nos parece à primeira vista. É certo que, capitalistas e proletários são as duas classes sociais fundamentais do modo de produção capitalista. Portanto, em volta dessas duas classes



existem outras classes, tais como: a classe burocrática, a classe dos intelectuais, a classe campesina, o lumpemproletariado, bem como outros fragmentos de classes, vinculados a modos de produção subordinados. Por conseguinte, a evolução do modo de produção dominante, que é expressão dos interesses da classe social dominante, conseqüentemente pode levar os indivíduos das classes auxiliares e subalternas a percepção de seus modos de vida comuns e interesses comuns derivados da condição de posição no interior da divisão social do trabalho, e com isso se reconhecer como classe. Assim, segundo Viana: “para se tornar uma classe social, além de estar vinculada a uma determinada atividade fixa oriunda da divisão social do trabalho improdutivo, é necessário que tenha interesses comuns e oposição em relação a outras classes” (VIANA,2018, p.166).

Essa passagem nos ajuda a compreender que a questão dos modos de vida comuns, levam os grupos humanos a se constituir e se perceberem como uma classe social e se oporem em luta a outras classes. Sendo que isso se desenvolve no interior da divisão social do trabalho, e tem em comum a posição que esses indivíduos ocupam no processo produtivo. Tomemos um exemplo: um médico, um engenheiro e um torneiro mecânico, são trabalhadores e estão determinados pela divisão social do trabalho, portanto, os engenheiros e os médicos juntos com os torneiros mecânicos não formariam uma classe, no sentido conceitual do termo. Isso porque, ambos não possuem um modo de vida comum, embora os dois primeiros também possam ser assalariados profissionais, não se trata de profissão, se trata de como produzem, se são explorados ou não. Desse modo, o modo de vida e os interesses de torneiro mecânico não pode ser o mesmo de um médico ou de um engenheiro, portanto, o modo de vida que os indivíduos compartilham, é um fator determinante na constituição de uma classe social. Porém, existem outros:

Assim, temos três elementos fundamentais para caracterizar uma classe: *situação* (modo de vida comum, um modo de atividade, gera costumes, representações, etc., também comum), *relação* (com outras classes, de oposição ou aliança com algumas e luta com outras), *interesses* (que devido aos itens anteriores, são antagônicos a de outras classes ou não, no caso de determinadas classes aliadas, mas que nem por isso possuem em menor grau, certos antagonismos de interesses). Porém, estes elementos não estáticos, são históricos, sociais, envolvidos em numa totalidade e, por isso, a partir da luta (relação) e dos interesses, fundados pode haver a passagem da *classe*





*determinada para classe autodeterminada (VIANA, 2018, p.166-167, grifos do autor).*

Entretanto, diferentemente de outras sociedades classistas, na sociedade capitalista as classes sociais se torna uma questão complexa, isso devido às especificidades desse modo de produção. Neste sentido, para entender as relações entre as classes sociais, no capitalismo, se torna necessário entender o processo de produção e distribuição, bem como a luta de classes que emerge dessa dinâmica.

A sociedade capitalista é caracterizada pela produção em massa de mercadorias. É a partir da produção e venda de uma certa mercadoria é que o capitalista, acumula riqueza e reproduz seu capital. Nesse sentido, a relação entre as classes sociais, gira em torno da produção e distribuição de mais-valor. A classe capitalista detentora dos meios de produção, não age sozinha, no sentido de explorar o trabalho e força de trabalho, da classe possuidora apenas de força de trabalho. Para isso ela conta com suas classes auxiliares, (burocracia estatal, partidária e sindical e a classe intelectual), essas classes são consideradas classes improdutivas, embora sejam compostas por trabalhadores, são trabalhadores improdutivos, pois não produzem mais-valor.

As classes improdutivas vivem de parte do mais-valor que a classe capitalista extrai dos trabalhadores produtivos no processo de produção. Assim, a posição que os indivíduos membros dessas classes ocupam na divisão social do trabalho, coaduna para a manutenção e reprodução das relações sociais de produção, baseada na exploração de uma classe por outra, pois é daí que vem sua força. Embora a classe burocrática possui interesses próprios, e aspira se tornar classe dominante, suprimindo a burguesia (VIANA, 2018).

Essa e suas subdivisões, vão produzir e legitimar as estruturas sociais, nos planos ideológicos e repressivos (escola, leis, códigos jurídicos e legislativos, polícia, exército, etc.), a classe intelectual vai produzir as ideologias científicas, teológicas e filosóficas, também no sentido de conservação da sociabilidade capitalista e da divisão social do trabalho e da propriedade privada dos meios de produção. Embora, essas classes sejam auxiliares da classe dominante, entre elas existem lutas e conflitos, isso porque, em seu interior existem subdivisões, interesses diversos, formas de atividades distintas. Contudo, essas diferenças e conflitos de interesses, nunca ultrapassam os limites da

divisão social, do trabalho e em momentos de acirramento das lutas de classes, se juntam para defender os interesses geral da classe que é os interesses da classe dominante.

Todavia, a classe proletária não possui classes auxiliares, no entanto existem duas classes, (campesinato e lumpemproletariado), que devido sua posição subordinada e marginalizada na divisão social do trabalho, em momentos de acirramento das lutas de classes, podem se alinhar com a classe proletária. Isso por possuir semelhanças de vida, sendo que os membros da classe lumpemproletaria, um dia já foram trabalhadores produtivos, uma vez que, a lumpemproletarização é um processo que se origina da dinâmica de acumulação de capital, onde a expansão do exército de reserva de força de trabalho, visa baratear a produção e aumentar a taxa de lucro. Por fim, vejamos quais são as diferenças entre movimentos sociais e classes sociais. Tendo em vista, a formação das classes sociais e suas relações com o conjunto da sociedade.

### **Diferença entre classes sociais e movimentos sociais**

A elemento preponderante na diferenciação entre classes sociais e movimentos sociais, é a divisão social do trabalho. Historicamente as classes sociais é composta por indivíduos determinados pela divisão social, e que possuem um modo de vida em comum. Por outro lado, os grupos sociais que estão na base dos movimentos sociais, emergem a partir de situações, insatisfações sociais que geram determinadas demandas em comum, marcada por um objetivo específico.

Os movimentos sociais também são caracterizados por uma certa transitoriedade (FRANK e FUENTES, 1989), ou seja, alcançando o objetivo ou a demanda específica, tendem a desaparecer. Além do mais, alguns grupos sociais que emergem de no interior de uma determinada classe social, podem ser confundidos com uma classe social. Dessa forma:

Os moradores de rua, pertencente ao lumpemproletariado, são integrantes de uma classe sócia marginal na divisão social do trabalho e são, portanto, parte de uma determinada classe, mas não agem como tal, ou seja, o que os mobiliza não é o pertencimento de classe e o que ele gera e sim a situação social específica dos mesmos. É uma ação de um grupo social no interior de uma classe social (VIANA, 2016, p. 53).

Em síntese, diria que existem muita diferença entre os movimentos sociais e as classes sociais. As classes sociais são determinadas historicamente, e remetem ao surgimento da divisão social do trabalho, bem como as primeiras sociedades classistas. Já os movimentos sociais, surgem com a modernidade e pelas contradições engendradas pelo modo de produção capitalista, bem como da luta de classes, oriunda dessas contradições. Portanto, existem outros elementos que contribuem para diferenciação entre movimentos sociais e classes sociais, e que, portanto, não serão desenvolvidos aqui, uma vez que, para os propósitos da discussão proposta, acreditamos ter levantados os elementos suficientes.

## Referências

JENSSEN, Karl. *Teses Sobre os Movimentos Sociais*. Revista Ruptura, Vol. 03, num. 04, Janeiro de 1996.

FRANK, Andre Gunder & FUENTES, Marta. *Dez teses acerca dos movimentos sociais*. São Paulo: Lua Nova, n° 17. Junho de 1989.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão popular, 2009.

\_\_\_\_\_. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Cortez editora, 1998.

MARX, Karl. *O dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

VIANA, Nildo. *Os movimentos Sociais*. Curitiba-PR: Prismas editora, 2016.

\_\_\_\_\_. *Karl Marx: a crítica desapiedada do existente*. Curitiba-PR: Prismas editora, 2017.

\_\_\_\_\_. *A teoria das classes sociais em Karl Marx*. Brasil: Chiado books, 2018.